

ONDE ESTÁ O GALILEU?

PRÓLOGO



Os eventos ocorridos na Palestina no tempo de Jesus, cujas repercussões duram até hoje, têm inúmeras lacunas nas suas narrativas decorrentes da pouca literatura histórica de época existente.

Muitas interpretações são feitas tendo como referência a divindade de Jesus atestada pelos livros escritos por seus seguidores e que alguns compõem os evangelhos da bíblia.

Excluindo esta perspectiva mística, o episódio da crucificação e morte de Jesus, à época, revestiu-se de um mistério real: o desaparecimento do cadáver do Nazareno.

Decorrentes deste fato circulavam rumores que o Galileu ressuscitara para liderar uma revolta contra Herodes e os romanos. Herodes culpava Pontius Pilatus de negligência na guarda do corpo de Jesus e o responsabilizava pelos boatos surgidos. Herodes exige provas sobre o paradeiro do corpo de Jesus como forma de eliminar os rumores que assomavam. Os sacerdotes do Templo Judaico estavam visivelmente contrariados com a situação e a todo o momento lançavam ameaças aos seguidores de Jesus, que se restringiam a algumas centenas de familiares e conterrâneos do Galileu.

Pilatus preocupava-se, pois soubera que Herodes enviara a Tibério César, então imperador de Roma, uma reclamação.

Pontius Pilatus estava decidido a dar fim àquela polêmica e procurou entre os legionários romanos quem poderia assumir as investigações. Escolheu Quintilus Flavius para elucidar o desaparecimento do corpo de Jesus, crucificado no Gólgota.

O ENCONTRO COM PONTIUS PILATUS

Quintilus Flavius, 59 anos, nascido em 26 AC na Sicília, era um ex-legionário que sentara praça aos 17 anos, em 10 AC na legião III Gallica na Síria com Augusto César imperador e posteriormente, com Tibério como Imperador, na X Fretensis, aonde chegou à posição de Primus Pilus. Serviu por 40 anos em dois períodos como legionário e ao se retirar fora premiado com terras na Galiléia. Continuava atuante como *Doctores armorum* da Legião. Nesta condição regularmente saía de sua fazenda perto de Jericó às margens do rio Jordão e ia a Jerusalém distante cerca de 20 km de sua casa até a sede da X Fretensis.

Neste dia amanheceu chovendo copiosamente e QF decidiu ficar em Jerusalém para não ter de enfrentar o aguaceiro a caminho de casa. Juntou-se aos legionários em um átrio da fortaleza Antonia onde conviviam nas horas vagas, conversando, bebendo, comendo e jogando. Foi quando recebeu o chamado de Pontius Pilatus. Arrumou-se como pode pois suas roupas solenes ficaram na fazenda e dirigiu-se ao Palácio do Prefeito. Pilatus recebeu-o cordialmente.

- Salve Quintilus. Vejo-o com saúde e disposição. – saudou-o Pilatus.

Quintilus retribuiu a saudação e convidado pelo Prefeito ocupou um leito à frente de uma mesa onde havia frutas, pão e vinho. Era uma deferência muito especial,

notou Quintilus, receber com tanta gentileza um simples centurião aposentado, mesmo sendo tão famoso junto aos milicianos. Isto o fez antever que algo especial estava prestes a se revelar.

- Quintilus - Pilatus dirigiu-se ao soldado – o quanto você está familiarizado com os fatos recentes em Jerusalém? Quero dizer, sendo um instrutor de milicianos e vindo frequentemente à cidade você deve ter sabido sobre a execução de um certo galileu Jesus.

- Sim. Me contaram sobre o fato e sobre a repercussão que tem havido. Segundo os comentários dos últimos meses ele ressucitou dos mortos e apareceu para inúmeras pessoas. – disse isso com um trejeito irônico.

- Pois pode lhe parecer risível, assim como para mim, mas esses judeus, principalmente os sacerdotes do templo estão agitados. Em outras palavras, indo mais direto ao assunto, Herodes tem me importunado por este fato, acusando-me de ter negligenciado a guarda do cadáver do condenado o que levou seus seguidores a roubar o corpo e difundirem esta incrível versão. O fato é que remeteu a Tibério César uma reclamação. Como você sabe Roma não quer tumultos nesta província e Herodes é visto como fiel a Roma.

Quintilus começou a inquietar-se com o rumo que tomava aquela conversa e resolveu intervir para abreviar o que lhe parecera, acertadamente, um longo prólogo de Pilatus antes de revelar suas intenções:

- E o que um centurião aposentado tem a ver com essa história? Se me perdoa a curiosidade.

- Então lhe direi de pronto. Quero que você investigue o desaparecimento do corpo deste condenado e o localize, o mais rápido possível.

- É uma tarefa e tanto.

- Você será bem pago. São 3.000 denarius, o mesmo que um centurião recebe de bonificação ao fim de seus serviços, como você bem deve saber.

- Isto depende do sucesso na localização?

- Não, isto é fixo. Mas saberei julgar seu empenho que tenho certeza será o maior possível. O que preciso é dar uma resposta plausível a Herodes e Tibério e acabar com esta história fantástica. Então, o que me diz?

- Em principio aceito mas antes de lhe dar completa certeza terei de me informar dos detalhes deste caso e sobre as pessoas envolvidas. Não será fácil.

- Você terá todo apoio necessário e desde já está dispensado de suas tarefas como *doctores armorium*.

Quintilus naquela mesma tarde, apesar da chuva inclemente, partiu para sua fazenda. Precisava planejar sua vida depois daquele convite.

QUINTILUS INVESTIGA

Em sua propriedade Quintilus avaliava a situação. O que sabia sobre o assunto? Como começar a investigação? A quem procurar?

Antes mesmo de pensar nas respostas Quintilus chamou Yussuf.

Yussuf, ainda criança fora resgatado por Quintilus na Síria após uma particularmente sangrenta campanha da III Gallica naquelas paragens. Trouxe-o como escravo e criou-o junto aos seus filhos. Anos depois, com Yussuf já adulto comprou-lhe uma companheira igualmente oriunda da Síria. Os dois filhos de Quintilus seguiram os passos do pai, engajaram-se nas legiões romanas e estavam longe. Com a morte de sua esposa Camilla, Quintilus manteve seu círculo familiar na fazenda com Yussuf, Masu e os filhos destes.

- Diga-me Yussuf, o que sabe sobre este Jesus de Nazaré que foi crucificado há um ano atrás?

- Era um homem santo.

- Então você o conhece?

- Ouvi alguns de seus comícios. Dizem que promovia milagres. Nunca pude ver nenhum deles mas conheço quem afirma que os presenciou.

- E o que este profeta judeu dizia que revoltou tanto o Sinédrio a ponto de o crucificarem?

- Ele se dizia o filho do deus dos judeus e que iria libertar o seu povo. Denunciou a corrupção dos sacerdotes do templo e pregava que os romanos deviam sair da Palestina. Mas não soube que incitasse a violência.

- Então, um blasfemo para os judeus e um incômodo para Pilatus. Não admira que o tenham pregado na cruz. Tinha muitos seguidores?

- Tudo que sei é que havia um grupo pequeno de seguidores, principalmente da família. Pobres e inofensivos. Esta história de renascer dos mortos vem ganhando força. Imagino que tudo isso aconteceu porque o cadáver dele desapareceu. Mas isso não é a primeira vez que ocorre. Várias famílias que têm posses compram aos soldados o corpo do condenado para enterrá-los dignamente. E nenhum deles ressuscitou .

- Investigaremos tudo isso Yussuf.

- Como assim?

Quintilus contou para seu escravo, em quem confiava plenamente, o encargo que recebera de Pilatus. Fez-lhe ver que precisava de todas as informações possíveis a respeito da família e amigos de Jesus. Quanto aos romanos ele mesmo Quintilus se encarregaria.

- E ainda precisamos saber o que ocorreu entre os soldados de Herodes e no templo. Você procure tais informações discretamente.

Traçaram um plano de trabalho e dias depois Quintilus comunicou a Pilatus sua aceitação definitiva da investigação. Enquanto Yussuf buscava os contatos com os judeus, Quintilus na Guarnição da X Fretensis, na Fortaleza Antonia, procurou seus colegas. Identificou o legionário Longinus como o *decannus* (chefe) do *contubernium* (pelotão de oito legionários) que executou a crucificação.

QF conhecia Longinus. Era um centurião aplicado, experiente e argentário. Não confiaria nele para executar ações que dependessem de muita lealdade. Convidou-o para uma conversa reservada numa das tabernas existentes ao redor da *Castra* (fortaleza) Antonia.

- Longinus, preciso de algumas informações que só você pode me dar. Explico, fui encarregado por Pilatus, ele mesmo, de apurar o que ocorreu durante a crucificação de um certo galileu há cerca de um ano e foi seu pelotão que ficou responsável pela execução. Conte-me o que sabe.

Longinus ficou um tanto surpreso com o início da conversa mas em se tratando de QF julgou que era melhor colaborar.

- Foi uma execução sem surpresas. Você conhece a rotina.

- Mas o corpo do condenado desapareceu e Roma quer uma explicação de PP. Não que Roma se importe com um condenado judeu mas o Sinédrio e Herodes vêm importunando o prefeito e ao que parece reclamando a Tibério. Qual a sua explicação para o desaparecimento do cadáver, e não me venha com esta história de ressurreição, anjos surgindo do nada ou coisas desse tipo. Diga-me objetivamente o que sabe.

Longinus calou-se pensativo por talvez um minuto, pediu mais vinho ao taberneiro, olhou para QF e mentalmente percebeu que não tinha outra saída senão contar mais ou menos o que sabia tentando, é claro, pôr-se numa condição insuspeita.

- É uma história um tanto confusa.
- Pois diga-me e eu julgarei o quão confusa é.

- Estávamos de guarda naquele dia. Era véspera do sabbath judeu. O ambiente estava tenso justamente por causa do julgamento do galileu. Eu já ouvira falar dele mas nunca que fosse um criminoso. Era mais um profeta dos tantos que apareciam. Perturbava mais os próprios judeus do que a nós. Nunca tivemos de intervir em seus comícios. Para mim era inofensivo. Foi com uma certa surpresa que o vimos incluído entre os condenados à crucificação naquele dia. Os condenados foram imediatamente conduzidos ao *Quaestionarius* (flageladores) onde seriam flagelados como de costume. Creio que você deveria conversar com eles, você os conhece muito bem.

QF aquiesceu com a cabeça e percebeu que esta sugestão era para transferir a outro algo que Longinus não diria naquele momento.

- Havia muita consternação e nervosismo na ocasião – continuou Longinus - . Os judeus do templo queriam acelerar a execução para antes do anoitecer pois estaríamos então no sabbath onde não é permitido pelos costumes deles proceder-se ao cumprimento da pena.

A flagelação foi feita a menos do que o costume devido a isto. Então os procedimentos para ir ao local da execução também tiveram de ser acelerados. Tínhamos três condenados e deixá-los carregar as traves da cruz levaria muito tempo. Decidiu-se então recrutar entre os judeus auxiliares para fazê-lo. Desta forma o percurso até o Gólgota durou bem menos.

No calvário já tínhamos as “*stipes*”, postes da cruz e também fizemos o serviço bem rápido.

- Havia muita gente no local? – perguntou QF.

- Não passava de 30 pessoas, a maioria parentes de Jesus e uns oito soldados de Herodes.

Pois então, erguemos as cruzes muito rápido e como de costume esperaríamos que os presentes se dispersassem para podermos acelerar a morte deles. Você sabe, um cara desses pode levar até um dia inteiro para morrer.

- E vocês os mataram logo?

- Bem, havia os soldados de Herodes que observavam tudo de forma que não tínhamos como fazer a matança sem que eles percebessem. Mas foi aí que aconteceu algo diferente.

- Vá em frente – enfatizou QF antevendo uma informação importante.

- Apareceu um parente de Jesus, um sujeito que parecia rico e bem relacionado que me mostrou uma ordem escrita de Pilatus mandando entregar-lhe imediatamente o corpo do judeu à família.

- Sim, o cadáver. – acrescentou QF.

- Foi o que a princípio pensei mas ao ler a ordem e diante das explicações do tal Arimatéia entendi que era para retirá-lo imediatamente da cruz e entregá-lo à família estivesse ele morto ou não.

- O que o fez pensar assim pelo que estava escrito na carta e a explicação do Arimatéia?

Longinus pediu mais vinho fez alguns comentários triviais sobre a taberna enquanto pensava no que responder pois não queria encenar-se com o assunto nem cair na desconfiança de QF. O homem tinha prestígio na legião e Longinus tinha ambições na carreira de legionário.

- Bem, a carta dizia exatamente isso: entregue imediatamente o corpo de Jesus à família. E imediatamente não é daqui a pouco é imediatamente, “*statim*”. Perguntei ao Arimatéia se era isso mesmo que ele pedira ao Prefeito e

como ele aquiescera. Me respondeu secamente: dinheiro (*pecunia*).

- E vocês também levaram algum, por certo?

- Bem, se PP podia receber porque não o faríamos também. O Arimatéia foi bem generoso.

- Daí vocês baixaram o corpo e o entregaram à família e nem verificaram se ele estava morto ou não.

- A carta dizia imediatamente. Mas não foi tão fácil assim. Havia os soldados de Herodes que ao verem a movimentação para descer Jesus se alvoroçaram. Tentaram apossar-se do corpo ameaçando a família, tivemos de usar um pouco de rispidez para contê-los. Combinamos ficar de guarda no sepulcro apontado por Arimatéia mesmo sabendo que o corpo não estava lá. Na saída ainda vi o Arimatéia conversando com os guardas de Herodes e mostrando-lhes a ordem de Pilatus. Depois disso eles sumiram. De qualquer forma o sepulcro nem fora fechado e no dia seguinte, por ser ainda o sabath não ficou ninguém de guarda. Afinal nenhum judeu viria ali conferir.

- Você tem idéia para onde levaram o corpo?

- Não, mas a família dele sabe, principalmente o Arimatéia. Creio que foi para alguma propriedade dele nos arredores da cidade. Meses depois começou esta boataria de que ele havia ressuscitado e aparecido para um montão de gente. Concluí que ele sobrevivera mas não tenho certeza.

QF pagou a conta de Longinus, deu-lhe alguma coisa a mais pelas informações e tão logo pode fez o mesmo roteiro com Fosco, o flagelador da fortaleza Antonia. QF também conhecia o tipo, do mais torpe caráter possível e de uma inexcedível brutalidade, porém muito sensível ao suborno. Por isso e sabendo que sua conversa com Longino já se espalhara, fez uma abordagem mais direta:

- Fosco, eu tenho a intenção de lhe oferecer uma quantia dependendo das informações que você me dê.

Os olhos de Fosco brilharam e ele perguntou:

- Quanto?

- Antes disso me diga como você normalmente opera.



Fosco lhe fez um relato entre o indecente e o aterrorizante dos requintes de crueldade de como exercia sua função. Incluía aí a descrição minuciosa dos instrumentos de flagelação.

- Isto quer dizer – perguntou QF- que você varia o instrumento de acordo com o condenado?

- Sim. Há aqueles onde a ordem é praticamente matá-lo de pancada, outros de alongar o sofrimento e para cada coisa há um flagelo adequado..

- Ou seja – cortou QF – se houver boa paga se pode variar a tortura para mais ou menos?

- Sim. Há aqueles que nos pagam para que sejamos os mais violentos possível, geralmente parentes das vítimas destes bandidos e outros que nos pedem para abrandarmos o suplício. Particularmente não gosto deste último caso pois em geral isso só aumenta o sofrimento posterior pois levará mais tempo para morrer. A não ser que a pena seja só de açoites, sem morte. Aí é possível atenuar.

- O quanto é possível atenuar o flagelo e como?

- Não pondo muita força no açoite, usando um flagelo menos penetrante e

mesmo fazendo contagem a menor.

- E isso é frequente?

- Em quase todo açoite não mortal há negociação com a família, se não for um caso afamado ou abominado pela população que comparece para ver o tormento.

- Diga-me, você se lembra da flagelação de um tal Jesus há cerca de um ano atrás?

- Com certeza. Eu mesmo o flagelei.

- E em que caso se enquadrou dentro do que você contou?

- A família ofereceu uma quantia razoável para que não o machucássemos muito e ademais veio um aviso lá da Prefeitura que era para deixá-lo o mais inteiro possível. Usei um “*flagro*” preparado, sem espículas, grosso e de couro mole. Combinamos eu e meu par para o açoite que não usaríamos muita força, apenas para ferir a pele, ademais a contagem seria reduzida a um terço. Aliás nem mesmo precisamos disfarçar porque os judeus nos apressaram de tal modo que não demos nem um quarto das chicotadas. O aspecto era muito feio, sangrava muito mas as feridas não eram tão fundas.

QF deu-lhe uma quantia que aparentemente agradou a Fosco e despediram-se.

Dias depois foi a vez de Varrus, o especialista em pregar os outros na madeira. O mesmo procedimento dos anteriores.

- Quintilus Flavius, o primus pilae da X, doctores armorum, herói que lutou junto a Augusto César e agora, investigador de PP sobre um judeu desconhecido. Você deve estar sendo bem pago.

- E você continua o mesmo fanfarrão de sempre, nunca deu um minuto de combate, um *Immunes* (isento de combater) ademais pretencioso.

- Cada um faz o que pode para sobreviver. Eu sou um especialista necessário. Não exerço a função mais bonita da legião mas estão sempre precisando de mim.

- Diga-me, como foi que pregaram o galileu há uma ano atrás?

- Ah! O galileu. Esqueci o nome dele

- Jesus

- Isso. Lembro-me perfeitamente porque recebi um recado da prefeitura e não me pergunte de quem, que não deveria machucar excessivamente o galileu. Mas também teríamos de demonstrar aos judeus que fazíamos tudo direitinho. Só que eles tinham pressa por causa das celebrações judaicas do dia seguinte, daí que eu amarrei os braços e pernas do judeu, como sempre fazíamos mas preguei os cravos pegando somente a pele e músculos do condenado. Com os pés eu ainda finquei um cravo fino para fixar um pé sobre o outro mas nada que quebrasse seus ossos. Ficou bem feito e os judeus nem perceberam. A família pagou bem pelo serviço. É o tipo do freguês que eu gosto. Depois a guarda do Sinédrio pediu para que fincássemos a lança no coração do Jesus. O Longinus cravou a lança por baixo da pele, correu por fora das costelas e nunca nem chegou perto do coração. Não demos chance para os judeus verificarem. Aí já tinha chegado o Arimatéia, grande figura, com a ordem de PP de liberar imediatamente o galileu para a família. Houve um tumulto mais tudo se resolveu rapidamente.

- E os outros dois condenados?

- Ah. Matamos logo os dois pois precisávamos nos concentrar em conter os soldados judeus e esperar que a família levasse o Jesus embora. Mas eu te

garanto que ele, mesmo bastante machucado, saiu da cruz vivo e ainda sangrando., Aí de uns tempos para cá surgiu o boato que ele ressuscitara. Não acredito que tenha ressuscitado mas sobrevivido.

- E para onde foi levado?

- Realmente não sei mas o Arimatéia sabe.

QF deu-se por satisfeito com esta parte da investigação. Estava claro para ele que Jesus não morrera na cruz, talvez depois, em decorrência dos ferimentos mas vivo ou morto, encontrava-se em algum lugar.

QF retornou à sua fazenda para por em ordem suas idéias.

Passados alguns dias, Yussuf retornou e QF e ele repassaram o que haviam descoberto. QF relatou com detalhes suas investigações e concluiu:

- Uma coisa é certa. Jesus não morreu na cruz. O quanto ele sobreviveu depois é a dúvida. Para onde o teriam levado?

- Creio que para a casa de Arimatéia – completou Yussuf, e continuou – a família de Jesus e os seus discípulos, apóstolos como estão sendo conhecidos, é fácil de achar. Eles não estão se escondendo e com frequência fazem cultos de suas idéias em residências principalmente nos arredores de Jerusalém.

- Porque você acha que Arimatéia abrigou Jesus?

- Porque é o único que tem posses neste grupo, influência política e propriedades espalhadas por várias cidades. É um comerciante próspero e respeitado. Se havia alguém em condições de abrigar o galileu era ele. Depois como você apurou foi ele que forneceu os recursos para comprar a liberação do corpo de Jesus.

- Como você vê a receptividade dos familiares de Jesus se eu os abordá-los?

- Vai ser muito difícil que um romano, ainda por cima centurião, consiga falar com eles. Mas somente eles podem esclarecer o paradeiro de Jesus. Ocorre que o boato de que ele ressuscitou vem da própria família que repete isso em todos os cultos domésticos ou semi públicos. Há também outras testemunhas fora do círculo familiar que atestam esta história. Isto tem tido um impacto muito grande na difusão da seita de Jesus. Além dos relatos de novos milagres através de seus discípulos. É voz corrente que eles são milagreiros.

- Qual a repercussão disso entre os judeus do templo, o Sinédrio?

- Eles estão preocupados com a crescente onda de críticas aos sacerdotes do templo. Quem parece mais preocupado é Herodes e Caifás. O Sinédrio está dividido. Alguns acham que os blasfemos devem ser combatidos com violência, outros acham que é uma onda passageira. O fato é que o assunto é da ordem do dia. Quanto à guarda dos soldados de Herodes que estavam na crucificação não apurei nada. Eles não falam nem são muito receptivos à abordagem.

- Então tentarei ir direto a Arimatéia. Que tal ele é?

- Parece uma pessoa bem equilibrada, afinal é um comerciante importante tendo como cliente até os próprios romanos. Não parece querer se envolver muito na seita pois raramente comparece aos cultos. Esses encontros são restritos à família e outros judeus discípulos, enfim é uma seita muito fechada e realmente ainda não sei exatamente o que propõem.

- De qualquer modo quero que você procure saber como poderei me encontrar com Arimatéia ou qualquer outro do círculo mais íntimo da seita.. Se ele tem negócios com os romanos certamente o oficial de logística o conhece.

Passaram-se vários dias até que QF retornasse a Jerusalém para conversar com Beoto. Ele era o “*Cornicularius*, responsável por todas as transações comerciais da Prefeitura e da X Fretensis. Era da mais estrita confiança e PP. QF o tinha em grande consideração já que o conhecia há anos antes mesmo de PP assumir a prefeitura.

QF foi amistosamente recebido pelo velho conhecido e depois de conversarem amenidades Beoto expôs seus pensamentos:

- Você está certo, Arimatéia é nosso fornecedor de muitos itens. É um dos comerciantes com maiores transações conosco. Trata-se de uma pessoa muito correta e boa de se negociar, nunca me deu trabalho. É um judeu tradicional que frequenta o templo e tem muita influência, talvez por ser rico e generoso, o que o faz popular com a Prefeitura e particularmente com Pontius Pilatus.

- Então eles se conhecem?

- Desde o princípio da administração de PP. Aliás Arimatéia sempre presenteia PP. É um diplomata nato.

- E, como lhe pedi, quais as chances de que eu converse com ele?

- Não vejo maiores problemas pois temos já marcados vários encontros de negócios, tanto aqui na prefeitura quanto na oficina dele na cidade.

-- Ótimo, mas preciso de um local mais reservado pois vou tentar abordar um assunto um tanto delicado, como lhe relatei.

- Isto eu não posso garantir que ele colabore mas certamente é um homem civilizado e será elegante mesmo que não lhe responda. Perguntarei a ele onde seria melhor nos encontrarmos, mas terei de adiantar um pouco o tema da conversa.

- Se assim for necessário, mas assegure a ele que não há riscos nesta conversa qualquer que seja o resultado.

De volta à fazenda QF e Yussuf repasaram suas atividades e se mostraram otimistas. Yussuf falou:

- Haverá um culto da seita de Jesus em uma casa nos arredores de Jerusalém. É um culto aberto, claro, ao judeus, mas vários gentios, como eles chamam os não judeus, participam. Creio que lá estarão muitos apóstolos e seguidores mais próximos de Jesus, creio que você deveria ir, incógnito é claro.

- Realmente tenho curiosidade de ver como são esses seguidores de Jesus mas temo que se descoberto possa prejudicar a investigação.

- É um risco mas há pouca chance que alguém o conheça.

- Esse é o problema. Eles se conhecem e eu serei um estranho facilmente identificável.

- Há um jeito. Se você estivesse acompanhando um judeu.

- Que judeu acompanharia um centurião romano num culto religioso? Só se fosse um judeu louco!

- Eu conheço uma judia que por alguma paga faria isso. E ela é razoavelmente conhecida em Jerusalém como vendedora de panelas.

- Ainda tenho dúvidas se isso é necessário, mas vá em frente e contrate ela, mas tenha certeza que não irá me constranger. Ademais eu mal falo o aramaico.

Dias depois, Yussuf comunicou que o acordo com a judia estava feito e que o culto seria daqui a dois dias na véspera do sabbath como era costume entre os judeus.

QF procurou vestir-se da forma mais discreta possível assim como Sara, sua acompanhante, que recomendou:

- Não abra a boca mesmo que se dirijam a você em latim. Você é um

comerciante comprador de panelas e só está ali a pedido meu, mal sabendo o que está acontecendo. Irei traduzindo o melhor que puder.

Na chegada na casa QF reparou que era uma habitação modesta e o encontro se dava no pátio externo. Não havia mais do que 20 pessoas presentes às quais se identificaram. Na vez de QF Sara falou em seu lugar e todos sorriram e deram boas vindas. Aquilo tranquilizou QF, não era um ambiente hostil.

Ali estavam os mais próximos de Jesus. Sua mãe, seus irmãos e seus discípulos. Havia vários pescadores e entre eles um mais reverenciado, Simão dito Pedro. O que teriam a revelar sobre este misterioso Jesus?

O culto, tinha como ponto forte dois itens doutrinários segundo Sara: que Jesus era o messias filho de Deus redentor dos pecados e que ele ressuscitara. Seguiam-se vários testemunhos dos que tiveram com ele após a ressurreição. QF percebeu que seria muito difícil conseguir a colaboração daquele grupo muito fechado e doutrinariamente radical.

Quando voltavam Sara comentou:

- Eu vi esse Jesus várias vezes. Era um homem bom e até havia histórias de milagres feitos por ele. Mas o principal era sua pregação contra Herodes, Caifás e o Sinério, além é claro, os romanos. Por isso o crucificaram. O pessoal do templo está inquieto com a propagação dessas idéias, como você viu hoje. Mas, como estas pessoas podem ser perigosas?

- Elas não são perigosas mas suas idéias sim. O poder do templo depende exclusivamente da X Fretensis, não se sustenta só com idéias. Para o povo nós romanos somos invasores e usurpadores, o que é verdade, portanto inimigos, mas os judeus do templo são ainda piores, são traidores.

QF estava satisfeito com o encontro, pudera conhecer de perto os seguidores de Jesus e agora aguardava para os próximos dias o encontro com Arimatéia. Enquanto isso pediu a Yussuf e a Sara que o atualizasse com a religião judaica. Assim entenderia melhor porque de Herodes, Caifas e o Sinédrio odiavam Jesus. As coisas tomavam um sentido para QF.

José de Arimatéia recebeu QF e Beoto em uma de suas residências, não a principal da família, mas aquela onde recebia para negócios. Situava-se não muito longe do centro de Jerusalém, era uma construção sem ostentação, ampla, luminosa e confortável. Na sala preparada para recebê-los havia uma mesa com frutas, pão, leite, vinhos e outras iguarias. Feitas as apresentações e após as conversas triviais QF foi direto ao assunto:

- Senhor Arimatéia, como Beoto já o informou sobre a minha investigação creio que posso ir mais adiante e ampliar os esclarecimentos.

QF resumiu o que apurara até o momento buscando sempre um tom amistoso e calmo.

- Portanto, não havendo dúvidas que Jesus deixou a cruz ainda vivo eu gostaria que o senhor nos desse a sua versão sobre o que aconteceu depois.

QF propositadamente pôs o assunto da sobrevivência de Jesus como fato consumado, de uma forma que Arimatéia teria de responder a verdade ou mentir. Arimatéia era um homem íntegro de caráter e tinha muita segurança sobre seus atos:

- Senhor Quintilus, Jesus estava muito mal apesar dos esforços que fizemos para minorar-lhe o sofrimento. Levei-o para uma de minhas propriedades fora de Jerusalém. Temíamos que ele não sobrevivesse à viagem. Ficou lá durante várias semanas sendo cuidado tanto quanto passível da melhor forma. É um homem muito forte tanto que sua recuperação foi surpreendente. Depois disso precisávamos achar um lugar mais seguro

para abrigá-lo. A família o visitava bem como outros discípulos e amigos. O local estava ficando muito visado. Ademais começaram a circular os boatos de que ainda estava vivo.

- Como Sr, Arimatéia começaram estas notícias da ressurreição?

- Foram os apóstolos, principalmente Tiago seu irmão que começou a veicular esta versão. Eu fui contrário a isso pois expunha em demasia o próprio Jesus. Aliás ele só tomou conhecimento do boato porque eu lhe falei. Os irmãos não queriam que ele soubesse e este foi um dos motivos que me afastei da seita.

- E para aonde foi Jesus?

- Mandei-o para uma de minhas propriedade na Síria, nos arredores de Damasco. Jesus é um santo e jamais o abandonarei mas não concordo como sua família e correlegionários têm conduzido o assunto.

- Jesus ainda está vivo?

- Até onde sei, tem alguns meses, sim. E tem até mesmo recebido alguns de seus discípulos.

- Ele corre perigo?

- Da parte dos romanos não mas os sacerdotes do templo estão muito irritados com a propagação de suas idéias, principalmente no que diz respeito às acusações de corrupção no templo. Entretanto ao menor sinal de perigo o mudaremos de cidade.

- Espero que o senhor não me inclua neste perigo. O meu patrão é PP que só tem preocupações com as intrigas de Herodes. Aliás, terei de dar uma resposta a PP sobre Jesus o que na verdade tem de ser algo que aplaque a ira de Herodes.

Beoto, que sempre foi muito objetivo intercedeu:

- Somente o cadáver de Jesus aplacará a ira de Herodes. Precisamos achar um corpo. Uma cova e alguns testemunhos .

- É uma boa idéia – juntou QF- resolveria um problema para mim e talvez para todos. Mas temo que daí possa decorrer uma perseguição à família.

- Isto ocorrerá de qualquer modo – falou Arimatéia – mesmo que apresentemos um túmulo como sendo de Jesus, a história da ressurreição não desaparecerá, e isso é o que eu temo. Herodes está atormentado por um fantasma imortal, pouco importa o que revelemos.

- De qualquer modo precisarei dizer alguma coisa a Pilatus. Até lá não faremos nada.

Em casa, Quintilus Flavius, junto com Yussuf preparavam-se para viajar a Damasco. Tinha uma recomendação de Arimatéia a um certo Ananias em Damasco que poderia conduzi-lo até a presença de Jesus. Amobs estavam muito animados com a viagem.

- Yussuf – QF falou – o que devemos apresentar a PP que seja plausível de convencer Herodes a parar de aborrecer o Prefeito?

- Não tenho nenhum palpite mas me parece que qualquer coisa que você diga servirá a PP, menos que Jesus está vivo. Quanto a Herodes, como disse Arimatéia, ele esta assombrado por uma boato e não há nada que o demova a parar de odiar Jesus e seus seguidores.

O ENCONTRO DE QF COM JESUS.

QF e Yussuf chegaram nos arredores de Damasco já anoitecendo. Fora o tempo exato de encontrarem a *Castra Damascus* na Porta Sul. QF se apresentou ao “*Optio*”, vice comandante, da fortaleza, Lucilus Crasso, ao qual QF bem conhecia. Saudaram-se efusivamente como velhos amigos, QF contou-lhe de sua missão, sem entrar em detalhes.

Durante um par de dias como convidado de Lucilus, QF foi festejado por outros centuriões e soldados os quais, boa parte deles, foram seus alunos. No terceiro dia, junto com Yussuf pôs-se em busca de Ananias o que não foi difícil pois ele era homem muito conhecido na cidade e muito respeitado como alguém justo e exemplar, era um “*mry*”, mestre. A casa de Ananias era de pedra bem estruturada e ampla. Havia algumas pessoas a sua porta, Yussuf dirigiu-se a elas e obteve a informação que Ananias estava fora da cidade e que teriam de aguardar alguns dias. Souberam também que ele fora para Babbila, cerca de 10 Km dali.

Uma intuição fez com que QF decidisse ir a Babbila procurar Ananias. Era uma pequenina cidade e não seria difícil encontrar o mestre.

Algumas horas depois já chegavam a Babbila. Vagando pelo mercado, perguntando aqui e ali, conseguiram uma pista aonde Ananias deveria estar. Foram até lá. Era uma casa na periferia da cidade, a poucos km do centro de Babbila que parecia um entreposto comercial. Lá estava Ananias comprando suprimentos. Yussuf aproximou-se do mestre e entabulou uma conversação. Em seguida chamou QF que tudo observava a distância:

- Ele nos vai atender.
- O que disse para ele?
- Que você é um amigo de Arimatéia que aliás é o dono deste entreposto..
- Ah!

Todos dirigiram-se a um anexo da casa e sentaram-se em esteiras estendidas no chão. Cumprimentaram-se e QF começou a falar com a máxima cautela possível:

- Senhor Ananias, deixe-me resumir a situação. – e assim o fez tentando dar à narrativa o aspecto o mais burocrático possível. – portanto tudo o que queremos saber é sobre o paradeiro de Jesus para darmos uma resposta que ponha fim às especulações. Decerto que eu trabalho para PP e a ele apenas devo prestar contas e em nenhum momento está sob consideração julgar qualquer atitude dos seguidores de Jesus ou dele mesmo.

Ananias tudo ouviu em silêncio. Ao término da narrativa após alguma excitação perguntou:

- Sr Quintilus, estamos numa época muito sensível para estes temas religiosos, principalmente entre os judeus. Jesus foi vítima de uma violência descomunal e você há de convir que o seu Prefeito tem parte nisso. Como podemos confiar que ele não será novamente vilipendiado?

- Ananias, o que eu precisava para concluir meu trabalho já tenho. Posso simplesmente escrever tudo que sei e encaminhar a PP e sei lá o que ele dirá a Herodes, Caifás e os outros. Isto é fato, mas não tenho o intuito de modificar nada desta história. Não estou preocupado com questões filosóficas ou religiosas se Jesus ressuscitou ou simplesmente sobreviveu, o mesmo se pode dizer das preocupações de PP. O que o Prefeito quer é uma versão que convença Herodes a parar de aborrecê-lo, mas concordo

que na sua situação agiria da mesma forma, portanto apenas me confirme ou não o que Arimatéia me disse. Jesus está morto?

Ananias ficou mais tempo em silêncio como se meditasse profundamente, por fim falou:

- Jesus está vivo.

O ambiente ficou tenso, ninguém falava nada. QF procurava um jeito de solucionar aquele constrangimento que a seu parecer poderia ficar perigoso. Afinal era só ele e Yussuf rodeados por inúmeros judeus seguidores de Jesus que poderiam identificá-lo como uma ameaça imediata.

- Acho isso uma boa notícia – finalmente QF falou, o que pareceu desnuviar um pouco a ansiedade reinante. – Creio que isto completa minha busca. Agora terei de apresentar uma versão que proteja Jesus.

- Porque você protegeria Jesus? – perguntou mestre Ananias.

- Eu em parte já lhe respondi. Minha missão é fornecer uma explicação que faça Herodes sair dos calcanhares de PP. Há inúmeros caminhos a trilhar mas já que tenho toda verdade posso escolher um que seja vantajoso para todos nós. Não tenho porque proteger Jesus especificamente mas também não tenho porque prejudicá-lo e aos que creem nele. Não sou súdito de Herodes e nem mesmo simpatizo com ele. Durante este tempo que decorreu da minha busca pude avaliar o que este Jesus representa para as pessoas e a fé com que eles tratam seus ensinamentos, e embora não me digam respeito vejo muita bondade e justiça nestes saberes. De qualquer forma vocês terão de acreditar em mim.

- Pois então, quem melhor para julgar isso do que o próprio Jesus. Preparem-se porque amanhã nas primeiras horas iremos ter com ele.

QF e Yussuf foram tomados por uma incrível satisfação refletindo o envolvimento que gradativamente tiveram com aquela personagem formidável. Mesmo



não prestando atenção ao que representava aquela filosofia QF passou a admirar a persistência daquela fé naquele homem. No dia seguinte antes do sol raiar QF e Yussuf já estavam prontos. Pouco depois Ananias e dois acompanhantes chegaram. A caravana então dirigiu-se pela estrada até o sítio aonde encontrava-se Jesus. Foram mais de duas horas de viagem até chegarem num casa muito simples em uma clareira de chão batido.

Alguém saudou Ananias que adiantou-se ao grupo e entrou na casa. Logo em seguida QF e Yussuf foram chamados.

Jesus estava sentado em um banco de madeira ao lado de uma mesa. Era uma figura muito magra, quase esquelética, o rosto encovado. Vestia uma túnica branca de tecido grosso e estava descalço. Seu olhar era firme e vívido. Saudou QF com uma voz a meia altura em um timbre estável. Deram a QF e Yussuf dois bancos a frente de Jesus. QF estava visivelmente emocionado e Yussuf não menos. Ananias pôs-se em um outro banco entre Jesus e QF com o claro intento de servir de intérprete. Jesus alcançou uma tijela repleta de tâmaras sobre a mesa e ofereceu-a a QF. O centurião notou as marcas noa braços de Jesus, provavelmente decorrentes da tortura que sofrera. Agradeceu e tomou uma fruta. Enquanto a comia Jesus disse-lhe:

- Porque centurião vieste atrás e mim?

QF recompôs-se da primeira emoção e explicou a Jesus resumidamente a

situação, complementando:

- As histórias sobre a ressurreição têm se constituído numa perturbação entre os membros da corte de Herodes e Caifás. Isto levou-os a um estado de desconfiança e insegurança muito grandes, percebo mais claramente agora. Com certeza Herodes ao queixar-se de PP a Tibério procura envolver os romanos nessa história, acenando com uma possível sublevação indesejada e colocando isso na responsabilidade dos romanos de a debelarem. É um jogo político. Creio que PP percebeu isso e pretende encerrar o assunto dando uma explicação oficial. Preciso portanto ter certeza de como essas histórias estão surgindo e o que as alimenta para poder fazer um relatório que ponha fim às invectivas de Herodes. Agora tenho um quadro completo à minha frente. As notícias sobre a ressurreição são absolutamente verdadeiras. Você, Jesus, está vivo e muitos já tiveram contigo e testemunharam sua sobrevivência, mas como para todos consta que você morreu, logo só pode ser um milagre, a ressurreição..

- Eu nunca reivindiquei ou afirmei que iria morrer e ressucitar. Também não incentivo esta versão, por tudo herética, mas não tenho como me apresentar sem correr o risco de me torturarem e matarem. Sei do ódio no coração de Herodes e todos os outros. Preocupa-me a minha família, amigos e companheiros de fé. Nunca objetivamente propaguei a idéia de uma revolta contra os romanos mas, continuo afirmando que são usurpadores e injustos.

- Creio que são essas duas coisas e mais a afirmativa de ser filho de Deus que ao mesmo tempo atrai mais seguidores e aumenta o constrangimento dos que mandam no templo. Herodes, Caifás e todos os outros só são poderosos, e já afirmei isto, porque a X Fretensis os apoia. Não é só uma opinião pessoal, muitos romanos e judeus também acham isso. Nesse sentido crer em Jesus ressuscitado é uma atitude altamente revolucionária. Não creio que você consiga refluir tal sentimento, nem mesmo se aparecer no pátio do templo.

- A minha grande decepção foi comigo mesmo por ter sido soberbo ao ponto de achar-me tão especial que Deus me salvaria da tortura, mas de fato, fui abandonado na cruz. Primeiro abandonado por minhas convicções oriundas das, hoje sei, equivocadas revelações que tivera sobre a minha divindade, depois o abandono dos judeus à causa divina. Tudo que prego é a libertação da servidão do preconceito e da usurpação. O que clamo hoje depois deste martírio? Deus me esclareceu e iluminou na dor: Liberdade para todos que são iguais perante Ele e não apenas aos judeus. Deus nos salvou de todos os pecados menos o de não amar o próximo. Por causa de nosso desamor e ambição é que decorre toda injustiça, humilhação, tortura e morte. Que mais posso lhe dizer? Minha vida está em suas mãos, Quintilus Flavius. Haja segundo sua consciência e encontre o que veio procurar.

Jesus acenou para os seus deu-lhes uma ordem que deixassem QF ir embora.

- Se quiseres partir podes ir agora e não serás importunado, mas acautele-se para não se tornar um agente do ódio e da injustiça.

Pediu a Ananias que o acompanhasse até Jerusalém.

- Tenho uma missão que quero que cumpras em Jerusalém, junto aos nossos.

QF interrompeu a fala de Jesus e disse:

- Jesus, minha missão não é prendê-lo, pois para todos os efeitos você é um homem morto. Portanto, diante de seu relato e da minha vivência darei por encerrada minha missão em Damasco retornarei a Jerusalém. O Jesus condenado na cruz está morto, e isto afirmarei, já este que eu tenho à minha frente é um Jesus redivivo, é outro Jesus.

QF, Ananias e Yussuf combinaram reencontrar-se no dia seguinte em Damasco onde regressariam para Jerusalém. Ananias seria o mensageiro de uma carta de Jesus aos seus parentes, amigos e discípulos.

No dia seguinte com tudo pronto para partirem Ananias chamou QF em particular e mostrou-lhe a carta de Jesus:

- Você lê em aramaico?
- Não.
- Nesse caso lerei para você. O próprio Jesus pediu-me que o fizesse.
- Será uma honra.

CARTA DE JESUS AOS SEUS FAMILIARES, AMIGOS, APÓSTOLOS E SEGUIDORES

Eu, Jesus, irmão de todos os homens em Deus, saúdo-vos e que a graça e a paz de Deus esteja convosco. Remeto esta carta através do irmão Ananias, fiel companheiro de Damasco, na qual reafirmo a fé naquele que me salvou e a todos nós, amém.

Os que crêem em mim muito têm sofrido e não esmorecem pois que adquiriram um auto-respeito, liberdade e fé no próximo, em nome de Deus amoroso, de esperança e humildade.

Não precisamos de templos, não discriminamos entre os homens e nações, todos foram escolhidos, todos foram salvos.

Como posso crer nos sacerdotes do templo que afirmam ser os intermediários de Deus e sentem ódio, cobiça e injustiça?

Porque Deus seria só para os judeus? Porventura a obra divina não é para todos?

Porque Deus amaria apenas parte de sua criação mostrando assim a sua imperfeição moral. Não seria Deus então.

Decerto todos somos filhos de Deus e porque haveria entre nós um único escolhido? Todos nós fomos escolhidos.

Porque Deus não abrigaria em seu amor mesmo aqueles que não crêem Nele mas amam o próximo e são justos.

Porque o perdão estria restrito a alguns?

Eu digo que creio no Deus encarnado em todos nós.

O que aconteceu comigo? Cri, fui traído, torturado e se não morri de fato morri para os homens mas estou vivo entre todos vocês de corpo e alma na graça de Deus.

E o que me dizes agora? Que sou um ressurreto.

Eu não posso me imolar a Deus duas vezes e por duas vezes pecar pela soberba de me achar melhor do que meus irmãos e exigir a intervenção de Deus para me salvar.

A minha segunda morte seria a destruição dessa esperança de libertação.

Eu creio e sou livre. Estarei convosco a cada minuto.



O RELATO FINAL DE QF A PP

QF esperou muitos dias até decidir entregar seu relato a PP. Buscava de todo jeito uma forma que não suscitasse qualquer dúvida em PP e fosse convincente para Herodes.

Treinava as versões com Yussuf e finalmente convenceu-se por uma delas.

- Vamos repetir o que se considera o que ocorreu, ou seja, Jesus morreu na cruz e seus seguidores devido a uma falha na guarda roubaram o cadáver e o levaram para lugar incerto e não sabido justamente para impedir que o descobrissem. O boato da ressurreição veio naturalmente. Não consegui localizar o local exato da tumba mas ela fica certamente nos arredores de Jerusalém. Simples e verossímil. Mas precisamos considerar a fúria de Herodes. Ele não se contentará com isso. Precisamos de uma explicação mais política quer dizer levando em consideração a política atual.

- Como assim? – perguntou Yussuf.

- Em primeiro lugar todos consideram que Jesus está morto o que é natural mas seu corpo desapareceu e aí Herodes acusa PP de negligência, ou seja o boato, que tanto perturba o rei e os sacerdotes, é culpa de PP. Isto é impossível de reverter exceto se trouxéssemos Jesus amarrado diante do Sinédrio e reconhecido pela família. A ressurreição cairia por terra bem como a idéia do Filho de Deus e a seita se extinguiria por si só. Mas isso não vai acontecer. Logo precisamos reverter a acusação de negligência. PP entregou o corpo à família em respeito a uma celebração judaica, o sabath. A partir daí a responsabilidade não era mais dos romanos. Os guardas do Sinédrio deveriam render os soldados romanos mas não o fizeram exatamente porque era o sabath. Assim a tumba ficou desguarnecida e facilitou a ação dos ladrões. Cabe portanto a responsabilidade a Herodes e sua guarda. Esta é a explicação formal, mas a interpretação política é outra.

Assim QF e Yussuf debateram todos os ângulos da questão e dando-se por satisfeitos redigiram um relato o mais sucinto possível. Mais alguns dias e QF teria uma audiência com PP. No dia apazado com suas melhores vestes QF foi efusivamente recebido no palácio por PP. QF entregou-lhe os pergaminhos, recebeu a última parte de sua paga e enquanto ceavam discutiram o relatório ainda não lido por PP. QF forneceu os detalhes que julgou importantes e finalmente entrou no ponto que prepara para defender:

- Há contudo uma questão que não deve ser negligenciada. Herodes está inseguro com relação ao seu povo.

Nesse momento PP cessou de comer e pôs-se atento. QF continuou:

- Não foi apenas Jesus que denunciou a corrupção do templo. Isso tem sido assunto constante. Além do mais Herodes e os sacerdotes são vistos como traidores de seu povo pela preferência que têm aos romanos. Há uma fermentação de revolta sem dúvida e Herodes não terá forças para conter esta ira quando ela se manifestar senão contando com nossas forças.

- E então? - Perguntou ansioso PP.

- Ele tentará por todos os meios envolver Roma com a manutenção de seu reinado e nada melhor do que provocar uma intervenção nossa num assunto religioso deles. Por exemplo, caçando os seguidores de Jesus porque são hereges judeus. Assim caso algo aconteça na Palestina ele dirá que a culpa é da administração romana, nossa, como, aliás, já o fez ao reclamar com Tibério César sobre você neste caso de Jesus.

- Percebo aonde você quer chegar. – completou PP olhando para o horizonte e quase murmurando.

O encontro durou mais um par de horas e finalmente foi cada um cuidar da sua vida.

QF nunca soube o que PP disse a Herodes mas inteirou-se que a perseguição aos seguidores de Jesus aumentara. A cada dia que passava mais importante ficara esta seita e maiores as preocupações dos Reis judeus.

A revolta fermentava entre o povo judeu.

